

Outro Ontem



“O sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bomba e Brigitte Bardot
O sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia?
Eu vou”

(Alegria, alegria – Caetano Veloso, 1967)

A história parece-se cada vez mais com uma espiral desconcertante, em que a sensação de *dejà-vu* de episódios ocorridos em vários momentos sobrepõem-se numa repetição atordoante porque são parecidos, mas não idênticos. No momento em que o mundo celebra e repensa o legado de maio de 1968, os acontecimentos atuais em grande parte do planeta nos leva a sentir no corpo o retorno de ideologias conservadoras consideradas por muitos como enterradas no passado. No Brasil, a impressão é de que o tempo oscila por décadas entre os séculos XIX e XX, pairando por vezes em 1964 e 1968 (antes, durante e depois do golpe militar) e nos anos 1990 (estabilização da inflação, privatização e desmonte da educação e saúde públicas, além de pobreza extrema e desigualdade social obscena). Frases, personagens e imaginários retornam como o novo, mas não passam de uma espécie de atualização das arcaicas estruturas coloniais e patriarcais.

A novidade acrescentada pela década de 2010 a este emaranhado de forças políticas e econômicas é o papel desempenhado pelas redes sociais. Se em outros momentos históricos a imprensa (vulgo os interesses dos donos dos veículos de comunicação e de seus patrocinadores) filtrava e guiava as narrativas, a partir da consolidação da mídia e da economia digital, outros agentes e ferramentas aterraram no território da informação gerando uma reorganização das disputas. O desafio atual vai além da dificuldade em metabolizar a vertiginosa cascata de notícias, concentrando-se talvez na necessidade de uma nova alfabetização para ler e narrar o mundo em toda a sua complexidade.

Como voltar a ver aquilo que passou e que não suportamos, não apenas por uma defesa psíquica contra o excesso de exposição, mas também por razões sociais, políticas e econômicas? Aliás, o que não aguentamos enxergar? A exposição *Outro Ontem* não busca responder a estas interrogações ou mesmo levantar uma tese sobre esses assuntos, mas os trabalhos aqui reunidos devolvem à esfera pública imagens e textos que circularam pela mídia impressa de forma resignificada pelos artistas Marilá Dardot e Matheus Rocha Pitta. Em *Livro para Colorir – Retrospectiva 2015*, Dardot subverte um dos fenômenos editoriais e

comportamentais mais sintomáticos destes tempos, os livros de colorir para adultos, uma mania recente para atenuar a ansiedade e depressão, característicos desta era. Ao invés de fornecer imagens relaxantes, edificantes e escapistas para serem “coloridas”, propiciando um deslocamento de ambiência, a artista apresenta uma compilação de desenhos feitos a partir de fotos de tragédias sociais publicadas em jornais brasileiros durante o ano de 2015. Para esta mostra, a artista selecionou as cenas de atos terroristas e as “coloriu” detalhadamente com lápis preto. Ao ressaltar os pormenores de uma imagem trágica com a cor que representa o luto parece pavimentar um ritual de reencontro com a dor coletiva causada pelos atos extremos e eternizá-los, diferentemente das imagens que circulam e esvaziam-se no regime da comunicação de massa. Ou seja, contrariamente à função original destas publicações, os desenhos de Marilá não afastam-nos do padecimento, mas nos guiam para um lugar de enfrentamento e superação destes traumas.

Matheus Rocha Pitta apresenta dois trabalhos que também são construídos por meio de banco de imagens retiradas de mídias impressas (matérias jornalísticas e propaganda). A série *Assalto* é constituída por imagens de mãos levantadas ao alto, gesticulação típica de rendições, acopladas em placas de concreto. A fragilidade do papel jornal (mãos) em contraste com a solidez do concreto (território) faz-nos pensar na vulnerabilidade humana diante da realidade política e econômica, atualizada com as manipulações de *fake news* nas redes sociais e na renovação do poder conservador e fascista em estados considerados democráticos. A instalação feita especialmente para a vitrine do espaço desloca as mãos para um material mais leve, o vidro, forjando um estado de maior sutileza destes gestos. *How to wash your hands the right way*, frase extraída de instruções normalmente afixadas em banheiros e cozinhas industriais, acaba por assumir novos sentidos neste novo contexto, tais como lavar as mãos como sinônimo de abdicação da responsabilidade e “higienizar” a diferença como faz a direita política.

Defronte das mãos, encontram-se as palavras que encarnam esta atitude leviana diante do destino político do Brasil. *A República* (2016) abrange três bandeiras que fragmentam as formas da bandeira brasileira. O formato é composto pela sobreposição dos discursos feitos pelos deputados federais na sessão de votação pelo impeachment da presidenta Dilma Rousseff em abril de 2016. Ao notar a recorrência das homenagens feitas pelos políticos à suas famílias, à Deus e aos seus amigos no momento em que expressavam seus votos, Marilá Dardot reconstrói os dizeres que se localizam no meio do maior símbolo nacional, escancarando os reais valores daqueles que deveriam ser representantes do povo e trabalhar em favor da sociedade, mas que atuam por vantagens próprias. Impressas, seja nestas bandeiras ou nos livros de história, estas palavras não ficam mais ao vento, como foram tratadas no calor da hora. Parece que foi ontem e parece que foi há décadas. *Outro Ontem* é uma tentativa de confrontar o passado como resistência para reacender o desejo de novos futuros.

Cristiana Tejo

Marilá Dardot (Brasil, 1973) mora em Lisboa desde 2016, enquanto Matheus Rocha Pitta (Brasil, 1980) é atualmente um residente no Hangar, preparando um show na galeria Carlos Carvalho Arte Contemporânea.

nowhere é nômade, é de lugar nenhum. nowhere é novo, é aqui e agora. nowhere é uma iniciativa experimental para pesquisas, diálogos e práticas em arte contemporânea. nowhere é independente e gerido por Cristiana Tejo, curadora, e Marilá Dardot, artista.